

## HEMEROTECA

|                             |                               |
|-----------------------------|-------------------------------|
| <b>JORNAL: BEIRA DO RIO</b> | <b>DATA: JUN./JUL DE 2007</b> |
| <b>LOCALIZAÇÃO: BELÉM</b>   | <b>ANO 4, N.51, P. 12</b>     |

### **UNIVERSIDADE BUSCA EXCELÊNCIA CIENTÍFICA**



Por Erika Morhy E Tatiana Ferreira  
Foto Mari Chiba

A criação dos núcleos de Ciências Geofísicas e Geológicas (NCGG) e de Altos Estudos Amazônicos (Naea) foram marcos cruciais para o desenvolvimento da pesquisa na UFPA, no início da década de 1970. Foi árduo o percurso até se chegar aos atuais 38 programas de pós-graduação, cobrindo quase todas as áreas do conhecimento e tornando-se referência em muitas delas na região. Uma das mais recentes comemorações foi o início do primeiro curso de doutorado no interior da Amazônia, o de Recursos Biológicos da Zona Costeira Amazônica, no campus de Bragança.

Atual pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação (Propesp) da universidade, o geólogo Roberto Dall'Agnol também participou do início deste processo, fortemente liderado por José Seixas Lourenço, no NCGG. "A instalação desses dois cursos pioneiros foi fundamental porque criou o germen da pesquisa e da pós-graduação na universidade", relembra.

A criação dos núcleos incentivou a produção regular, com orientação acadêmica e todos os demais rituais. Ainda na década de 70, diz Dall'Agnol, "havia esforço muito grande do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para formar gente no exterior, como foi meu caso".

Nos anos de 1980, houve outro marco significativo, destaca Dall'Agnol: "muitas lideranças do NCGG se transferiram para a Administração Superior, como Seixas Lourenço, Netuno Nobre Villas, Nilson Pinto de Oliveira, e também para o Legislativo, como o professor Gabriel Guerreiro". Ele diz que não foi fácil para a equipe ficar sem os colegas, mas as contribuições que deram como gestores foram grandes e amparadas por uma política nacional de incentivo à pesquisa. Na segunda metade da década, exemplifica, foi criado o Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) e o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia (PADCT). Para Dall'Agnol, também é claramente resultado de uma política para o setor na

UFPA o aumento expressivo do número de programas de pós-graduação. Até 1985, existiam apenas dois cursos, em seguida são implantados outros seis.

Já na década de 1990, os ventos não sopraram a favor. "Na Era Collor havia um processo claro de desnacionalização, então pesquisa e pós-graduação não eram prioritários. E o primeiro mandato de Fernando Henrique também foi catastrófico para nós. Só final do segundo mandato é que houve uma reversão, com a posse de Ronaldo Mota Sardenberg", avalia. Neste período, foram criados seis cursos de mestrado, com expansão maior de doutorados. A década se encerra com 16 programas de pós-graduação.

A aceleração se deu a partir de 2000, garante Dall'Agnol. De lá pra cá, mais de 20 programas foram criados, como resultado de uma conjuntura nacional e local. Para o pró-reitor, houve a consolidação da política do MCT, somada à boa articulação com o Ministério da Educação, que permitiu também maior aporte de recursos para o setor.

### **Formação de doutores para atuar na região é meta prioritária da Propesp**

A formação de um número maior de doutores é o grande desafio atual da UFPA para sedimentar as áreas de pesquisa e pós-graduação. Em função disso, os esforços para criar cursos de doutorado na própria instituição têm sido redobrados. Como resultado desse empenho, em 2006, a instituição conseguiu a aprovação de quatro novos cursos e passou a contar com 16 cursos de doutorado em diversas áreas, além dos 37 de mestrado. "Se não formamos doutores na própria região, temos que contratar pessoas de outros lugares ou liberar nossos mestres para capacitação fora do estado, o que leva mais ou menos quatro anos e gera um custo enorme para a universidade", avalia, Roberto Dall'Agnoll.

Com relação à avaliação da Capes, os programas de pós-graduação da instituição mais antigos são os mais bem conceituados, como os de "Geologia e Geoquímica", o de "Teoria e Pesquisa do Comportamento" e o do Naea. Na avaliação do pró-reitor, isso mostra que os cursos da instituição, quando têm tempo, amadurecem naturalmente. Geralmente os novos mestrados iniciam com conceito três e quando alcançam nota quatro podem pleitear o doutorado. Recentemente houve uma exceção na UFPA: o Programa de Ecologia Aquática e Pesca, que aprovou mestrado e doutorado na mesma ocasião. Isso porque foi apresentada uma proposta bastante consolidada, sem contar que todos os professores do programa já atuavam na pós-graduação.

O padrão de exigência internacional, adotado na avaliação dos cursos de pós-graduação, traz muitos desafios para as instituições. "As pessoas estão tendo que se adaptar a um sistema extremamente competitivo. A gente passou de um sistema fechado, nacional, para a um sistema internacional. Temos que ter produção científica que possa ser comparada à produção americana, francesa, chinesa, coreana....Hoje em dia não basta ser doutor para entrar na pós-graduação. Tem que ser um doutor capaz de orientar teses, dar aula na pós-graduação e produzir cientificamente. Se o professor quer fazer as duas coisas e não quer fazer a terceira, vai trazer problemas para o programa dele. Toda avaliação é centrada na produtividade científica", explica Dall'Agnoll.

No interior, a UFPA vem incentivando a pesquisa e a pós-graduação voltadas para as vocações regionais. "Não somos um país de recursos ilimitados. Temos que ter prioridades e planejamento. Temos que pensar quais são os programas prioritários para essas regiões, que dão retorno mais imediato, com perspectivas sociais e econômicas e tentar desenvolver isso. No início, a gente procura estimular a integração dos pesquisadores que estão no interior com os programas da capital porque é uma maneira de eles vivenciarem a pós-graduação e poderem adquirir experiência, orientar pessoas e com isso fortalecer suas propostas futuras de pós-graduação. A gente espera que haja pós-graduação em cada um desses campi porque ela tem um poder de multiplicação muito grande. Introduz um diferencial de qualidade dentro da

universidade que é decisivo, traz uma nova cultura, um nova dinâmica que é fundamental", conclui.

### **Parcerias Regionais**

Para a UFPA, as relações interinstitucionais são importantíssimas e se materializam de diferentes maneiras. Roberto Dall' Agnol afirma que existem parcerias com instituições vizinhas, no Maranhão, e com outras geograficamente distantes, no Rio Grande do Sul, por exemplo, e só para citar as nacionais. A universidade está na posição tanto de ofertas quanto de demanda por doutorado interinstitucional, por exemplo, como é o caso do Naea, que atende Rondônia, e a federal de Santa Catarina, que atende a UFPA com o curso de Enfermagem. As ações de cooperação não são recentes, mas têm se consolidado e encontrado apoio em novas estratégias de trabalho em rede, como o Protocolo de Integração das Instituições de Ensino Superior do Pará, instalado em 2001, com a pactuação de seis delas.

"Ao completar 50 anos, em uma trajetória de sucessos, a Universidade Federal do Pará merece nossos reconhecimentos pelos relevantes serviços prestados à sociedade, seja na formação de recursos humanos seja no avanço do conhecimento sobre os recursos naturais e de subsídios às políticas públicas para o processo de desenvolvimento do Estado do Pará e da região amazônica como um todo. A UFPA é, sem dúvida, a mais importante instituição pública de ensino superior da Amazônia. Com a Embrapa Amazônia Oriental, a UFPA tem uma longa história de parceria bem-sucedida que vai desde a realização conjunta de cursos de pós-graduação em nível de mestrado, como os de Agriculturas Familiares, de Ciência Animal e de Gestão Ambiental, até a execução conjuntamente de projetos de pesquisa. A cooperação entre professores e pesquisadores em projetos de pesquisa tem produzido resultados importantes para ambas as instituições, como é o caso recente do desenvolvimento da tecnologia à base do açaí - "Identificador odontológico de placa bacteriana à base de açaí" -, cuja patente foi registrada no Brasil e no exterior".

Jorge Alberto Gazel Yared - Chefe Geral da Embrapa Amazônia Oriental

"Somos vizinhos em localização na cidade de Belém (o Campus de Pesquisa do MPEG faz fronteira com o campus universitário do Guamá) e complementares em muitas ações. A história do Museu Paraense Emílio Goeldi se entrecruza com a da Universidade Federal do Pará desde a criação da própria Universidade.

Somos parceiros no desafio em formar recursos humanos especializados na Amazônia - muitos alunos da UFPA tem no Museu Goeldi seu campo de formação através de estágios, bolsas de iniciação científica, em cursos de pós-graduação que mantemos em conjunto, ou participando de cursos de extensão, aperfeiçoamento, seminários, oficinas etc.

Somos aliados na luta pela ampliação da estrutura científica e tecnológica regional, para que esta ajude a alicerçar o desenvolvimento socioambiental da Amazônia em bases sustentáveis e justas. A rede Metrobel e a realização da Reunião Anual da SBPC são os exemplos mais recentes. Mas também compartilhamos laboratórios, bibliotecas; atuamos em redes de pesquisa; organizamos cursos, sistemas de informação, bases de dados, eventos, documentos e políticas em conjunto.

Neste ano memorável, em que o MPEG celebra 141 anos e a UFPA chega aos seus 50 anos como uma das mais importantes universidades brasileiras, desejo que esta parceria se amplie cada vez mais entre nossas instituições, em benefício da nossa região amazônica".

Ima Célia Guimarães Vieira, Diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi

Leia Mais: Pesquisa